

## **Era negro**

*Paula de Sousa Costa\**

**Recebido** em 26 mai. 2019. **Aprovado** em 13 ago. 2019.

O dia tinha sido cansativo, o trabalho novo de descarregar caminhão de cimento não era leve. Mas, já estava acostumado, na vida dele as coisas costumavam preferir sempre assumir um aspecto de dureza. Já tinha trabalhado em diversos ofícios: vigia, vendedor ambulante, entregador, agora as coisas estavam mais cinzas. O sol escaldante não facilitava o trabalho, exausto no final do dia chegara em casa e lembrou que estava sozinho. Desejava naquele momento comer o baião de dois que sua mulher costumava fazer para jantar. Sentia falta do barulho das crianças na sala assistindo televisão. Luiza, sua mulher, viajou para o interior, pois a mãe dela estava doente, talvez não houvesse outra oportunidade de revê-la.

O telefone tocou. No silêncio permaneceu, ninguém falava, ele impaciente: *Quem é? É você Luiza? Fala senão vou desligar?* Com a voz tremendo ela deu a notícia do falecimento de sua mãe e avisou do enterro. No mesmo dia comprou a passagem, e pegou o ônibus, não tinha muito o que levar porque só podia faltar o trabalho dois dias. O ônibus estava lotado, tomou seu assento ao lado de uma senhora que o olhou como se avaliasse por completo. Ele para não ficar por baixo, respondeu com aquele olhar, apenas em pensamento: *se tiver incomodada, mude de lugar*. O ônibus partiu, tinham algumas horas de viagem, fechou os olhos e tentou tirar uma soneca.

A viagem estava tranquila, embora pudesse sentir o incômodo daquela mulher em dividir o mesmo ar. Ignorava-a, como sempre costumava fazer nessas situações. Ignorar, desprezar esse sentimento era melhor maneira que encontrou para lidar com o preconceito que recebeu durante toda a sua vida. No posto da polícia federal o ônibus parou, todos se assustaram quando a voz grave do policial ecoou dentro do ônibus: *Fiquem tranquilos, nós iremos realizar uma abordagem de rotina, estamos procurando um suspeito, não se preocupem, vocês vão continuar a viagem assim que terminarmos, mas é necessário para segurança de todos*.

Segurando a arma de cano comprido, dois policiais caminhavam no corredor estreito do ônibus. As pessoas assustadas olhavam entre si, com receio do que poderia acontecer. Um dos policiais, o mais baixo, gritou: *É aquele ali!* Apavorado com o dedo apontado para ele, não conseguiu dizer uma palavra. O policial continuou com a voz mais firme ainda:

– Você, levante e me acompanhe! Onde está a sua mala?

– Eu tenho apenas essa mochila, fez força para conseguir falar.

– Traga, queremos olhá-la. Se dirigiu aos outros passageiros - os demais, permaneçam em seus lugares, ninguém saia. Assim que terminarmos o ônibus será liberado para prosseguir a viagem.

As pernas trêmulas, andava entre os dois policiais, puxado pelo braço, dentro da sala com mais dois policiais, começou a tortura do interrogatório. Um deles digitava no computador, o baixinho apontava a arma para sua cabeça e o que parecia ser mais bravo, interrogava e acusava.

– Mãos na cabeça! Seu marginalzinho de merda! Entregou a arma para outro e revistou-o. Como não encontrou nada, socou a sua barriga.

O que estava com seus documentos perguntou seu nome para confirmar a veracidade dos documentos.

– Qual o seu nome? Idade?

– João Pereira de Oliveira. 38 anos. Respondeu ainda sentido a dor no estômago.

– Então, para quem você trabalha? Para quem você vai entregar a droga? É melhor você dizer ou vai ser pior!

– Eu não sou a pessoa que vocês estão procurando. Não sou bandido. Estou indo para o velório da minha sogra.

O policial irritado com a declaração de inocência, aproximou-se, chegou bem perto, encarando, falou mais agressivamente ainda.

– Você acha que me engana? Acha que já não ouvi esse papinho de inocente? Pensa que tem escapatória? Escute aqui, confesse e nos poupe o trabalho de ter que olhar a sua cara feia!

João permaneceu em silêncio, revoltado por dentro, mas precisava manter a calma, porque sabia o motivo de estar ali, era negro.

— Eu sei porque estou aqui.

— Sabe? Temos algum progresso, já se lembrou da inúmera lista de delitos?

— Não. Eu não sou criminoso, nem traficante, nem ladrão. Sou negro. Este é meu crime. Você me escolheu naquele ônibus porque eu era o preto, entre os brancos. Disse de cabeça baixa.

— Ah, agora você é a vítima! Que esperto.

Segurou-o pelos braços, e pressionou com força contra a parede. - Se você não quiser apanhar até ficar branco, diga logo onde está a droga, e quem é o seu fornecedor! Eu posso ficar aqui até você resolver falar!

— Para Marcos! Não é necessário tanto.

Ele soltou-o e distanciaram-se para falar baixinho.

— Não encontramos nada na mochila dele,- falou sussurrando- e por incrível que pareça a ficha dele está limpa.

— Eu não acredito nisso! Tenho certeza que ele está envolvido com os traficantes que fazem o repasse das drogas para o interior.

— Não, cara, eu procurei em todos os arquivos, no sistema, não tem nada contra ele. Sequer encontramos uma grama de pó na bagagem dele. Ele está limpo! É melhor liberá-lo para continuarem viagem.

— Mas, recebemos a informação que o traficante vinha nesse ônibus com drogas para o interior!

— É, recebemos, mas não é ele! Pode ser qualquer um lá dentro, ou também pode ser engano. O que acontece é que você já se excedeu muito por hoje, em vez de interrogar um por um, você escolheu este coitado pela aparência! Faz mais de duas horas que nós estamos aqui, ele foi acusado, apanhou, e todos no ônibus estão apavorados, precisamos esclarecer que não foi ele.

— Eu não vou...

Foi interrompido pelo colega.

— Vai sim, explique e esclareça a todos os passageiros que ele é um cidadão e que não cometeu nenhum delito.

Com a voz firme continuou - Assuma o engano e vamos esquecer isso por hoje.

Voltou para sala e dirigiu-se a ele: — Senhor João Pereira de Oliveira, nos desculpe pelo transtorno que causamos, espero que entenda que foi uma abordagem de

rotina e para segurança de todos. Agora o levaremos até ao ônibus para que siga sua viagem tranquila.

Quando viram os policiais trazendo-o de volta para o ônibus, começaram a sussurrar entre si, desviando o olhar para não demonstrar o peso da culpa que carregavam por acusá-lo. O policial tentou falar com a voz branda, mas todos perceberam o incômodo na sua voz por sentir-se contrariado, afrontado por ter que assumir seu engano.

— Atenção todos, este senhor é um cidadão, não cometeu crime algum, foi um engano. Assim, pedimos desculpas pelo incômodo, mas se fez necessário para segurança de todos. Tenham um bom dia e podem prosseguir viagem.

O silêncio imperou entre os assentos. Todos sentiam o peso da culpa, mas ninguém estava mais constrangido que ele. João tentou entrar de cabeça erguida, embora nunca sentira tanto o peso por tentá-la erguê-la. Sabia que enquanto sua vida durasse passaria por constrangimentos, mas sempre era terrível quando acontecia.

Uma senhora de cabelos brancos que sentava no banco da frente, levantou a voz e perguntou ao policial:

— Pelo menos se desculparam com ele?

O oficial fez que não ouviu e desceu do veículo. A viagem foi tomada pelo silêncio. Esse silêncio.